

Luto: uma perspectiva fenomenológico-existencial na clínica psicológica

Mourning: a phenomenological-existential perspective on psychological clinic

DOI:10.34117/bjdv8n5-314

Recebimento dos originais: 21/03/2022

Aceitação para publicação: 29/04/2022

André Victor Ribeiro

Ensino superior

Instituição :Universidade Potiguar

Endereço: Rua Eli Araújo, 30, Bairro Manoel Salustino, Currais Novos/RN

CEP: 59380-000

E-mail: andrevr01@hotmail.com

Matheus Oliveira de Araújo

Ensino superior

Instituição: Universidade Potiguar

Endereço: Rua Gregório de Matos, 243, Bairro Nova Parnamirim, Parnamirim/RN

CEP: 59150-330

E-mail: mat.araujo.94@gmail.com

William Gabriel da Silva Lima

Ensino Superior

Instituição: Universidade Potiguar

Endereço: Rua do Condor, 8001, Conjunto Cidade Satélite, Bairro Pitimbu, Natal/RN

CEP: 59067-420

E-mail: wisila94@gmail.com

RESUMO

É a partir da morte que se compreende a vida propriamente dita, enxergando variadas características singulares que são expressas nas mais íntimas relações. E são nessas relações que o ser-no-mundo com outros emergirá, tendo como consequência um padrão de entendimento e de ações que servem de abarque para lidar com uma despedida infame. O propósito deste estudo é ganhar conhecimento acerca dessa relação entre um eu instituído a partir de um outro, que já não é mais outro, e sim lembrança, além de ganhar entendimento das formas em que o luto aparece no meio social, como resultado singular que é desenvolvido pelo próprio sujeito pra lidar com a situação. Ainda, abarca-se limites e possibilidades voltados para a clínica fenomenológica - existencial na ação com o enlutado.

Palavras-chave: luto, heidegger, fenômeno, angústia, clínica.

ABSTRACT

Starting from the death that one understands life itself, seeing various singular characteristics that are expressed in the most intimate relationships. And it is in these relationships that being-in-the-world with others will emerge, resulting in a single pattern

of understanding and actions that serve as a cover for dealing with an infamous farewell. The purpose of this study is to gain knowledge about this relationship between a self instituted from another, which is no longer another, but a remembrance, in addition to gaining an understanding of the ways in which mourning appears in the social environment, as a singular result which is developed by the subject to deal with the situation. Also, it is embraced limits and possibilities turned on the Existential Phenomenological clinic in action with the mourner.

Keywords: mourning, Heidegger, phenomenon, anguish. clinic.

1 INTRODUÇÃO AO LUTO

A experiência do enlutamento sofre da perda de sua significação a partir do momento que há a possibilidade de ser considerada como um transtorno patológico pelo DSM-5. No sentido que há uma diferenciação do “luto normal” e do “luto complicado” onde o segundo se traduz como “Transtorno do luto complexo persistente” no DSM-5, a fenomenologia-existencial busca enxergar o luto como um fenômeno de vivência *phatica* (FREITAS, 2018), isto é, uma experiência própria do indivíduo.

De acordo com Martins (1999), *phatos* pode ser interpretado como uma disposição originária e própria do ser. A fenomenologia existencial compreende que não há substituição para a perda de um ente querido, mas sim a possibilidade de ressignificação da relação do eu-tu, onde o luto é representado para Freitas (2013) como a ausência do tu nessa relação, deixando claro a tarefa de ressignificar — não a de superar. Nessa perspectiva, podemos compreender o luto como uma experiência existencial, fundamentalmente natural, própria da vivência do ser... Logo, não necessita de uma “cura” ou técnicas estruturadas para intervenções de psicoterapia, mas sim, da contribuição da abordagem por meio da clínica psicológica para a manutenção do sentido daquele que se foi na vida do enlutado. Além disso, o luto não é apenas caracterizado pela perda de um ente querido. Situações como: rompimento de relacionamento, mudança repentina da relação eu-tu, situações de significados culturais e sentido familiares sobre morte e luto também se encaixam neste processo. (FREITAS, 2013)

O significado cultural do luto contém singularidades de acordo com o determinado território, que podem tratar de perdas e mudanças repentinas de formas diversificadas. Os sentidos familiares do luto ocorrem de maneiras outras. Um adolescente pode sentir mais o impacto da perda de um amigo de escola do que a de um parente, assim como o impacto da perda de um amigo de longa data de alguém já na velhice, que pode ter um efeito mais intenso (ELIAS, 2001).

1.1 SER-DO-ENTE: A FORMA SUBJETIVA QUE O INDIVÍDUO SE ENCONTRA NO LUTO E SUA VISÃO DE MUNDO

As condições perceptivas/existenciais do indivíduo ao se deparar com o luto é resultado de uma evolução intersubjetiva, tendo um misto de regressão às vivências, memórias e experiências anteriores com o ente querido, como também um avanço no qual permite significações atreladas àquele que está em passagem de matéria (do físico à reminiscência a partir do outro que sente sua perda), assim, o sujeito se encontra em um campo misto de modificação repentina, mas que ao mesmo tempo é essencial para sua resiliência. Percebe-se então, em um paradoxo entre necessidade e possibilidade na qual não se é possível ver as condições necessárias para nossa saída desse estado racional/emocional, que por coincidência se choca com a chamada voz da consciência, denominada por Heidegger de Clamor (SÁ, 2010. pág. 190), que transmite uma predisposição para tornarmos ser-aí, podendo se adequar as novas formas de aparecimento deste ente querido perdido em nossa vivência.

O mundo recebe a morte com medo e espanto, há um aparecimento de preconceito quanto a nossa finitude, e medidas sempre são tomadas com finalidades de fuga desta possibilidade. Heidegger irá elaborar o conceito de projeto (SÁ, 2010. pág. 184), neste, o indivíduo demonstra possibilidades no mundo, além de tornar muitas dessas possibilidades pendentes, mas essa pendência é uma forma única de motivação e elaboração de sentido em nossa existência, já que a partir dela se cria a angústia de existir possibilidades que não poderemos realizar. Com a angústia voltamos sempre para o nada, que além de nada também é vida, e na vida se tem o mundo com os outros, possibilitando como consequência o compartilhamento de modos de existir e ser, este ser se faz ser com os outros, e estes outros são depositados intrinsecamente em nossas condições ontológicas, que refletem-se no ôntico humano.

Encontrar-se com o luto é encontrar-se com um pedaço de seu ser, que ao mesmo tempo se despede, e ao mesmo tempo permanece de um modo mais sutil. Essa mudança de intencionalidade abrupta gera a dor, a angústia, e o sofrimento que está sendo sentido. Graças as nossas possibilidades naturais de abertura pode deixar-se de ser expresso, ou continuar expresso de outras maneiras nas quais estão adequadas ao nosso novo eu adotado por meio de ressignificações alcançadas, recobrando a consciência do outro que se foi, já que é entendido que este ainda permanecera, mas suas formas de relação no mundo se transformaram (FREITAS, 2013). Por fim, podemos considerar que a humanidade não possui medo da morte, mas medo de deixar de ser enquanto sujeito, que

a leva para impactos subjetivos, não somente seus, mas também dos outros que estão em sua volta, não os possibilitando a troca de existência.

1.2 CONVICÇÃO E PERSPECTIVA DE FUTURO

A ressignificação ou convicção de si mesmo nas relações de não co-corporeidade após a perda ou afastamento. A existência do ser humano é tão válida quanto o significado que ele dá a sua própria existência, o ser humano precisa de uma perspectiva de vida, que é criada a partir da sua própria compreensão de mundo. Trabalhar essa cosmovisão do indivíduo nos permite, incentivar a partir do trabalho feito com ele o processo de ressignificação da relação eu-tu, com o trabalho focado nesse eu.

“A relação do homem com o mundo é uma relação com o íntimo de seu próprio ser e com a condição do único ser que existe: o homem.” (ARAÚJO, 1999). O ser humano necessita de perspectiva para existir, perspectivas essas que geram escolhas que lhe auxiliaram a entender seu próprio processo de sofrimento, permitindo o indivíduo seguir a vida de uma maneira mais satisfatória, caso não se tenha esta, o sofrimento o continuará acompanhando. O ponto desta análise não é encontrar um método para liquidar o sofrimento, e sim ressignificar a relação partindo do eu. A pessoa sem a visão de si mesmo, entra em estagnação por falta de um direcionador de seu próprio futuro.

1.3 HORIZONTE INCLUDENTE

De acordo com Santos e Sales (2011) a premissa que anuncia a morte configura um caminho que leva o Ser-aí a buscar um melhor entendimento sobre a experiência do morrer de seus entes e de sua finitude, o que nos ajuda a entender melhor como seria a analítica existencial de Heidegger diante do luto — visto que o mesmo não elucida o tema luto de maneira transparente.

Para que possamos entrar numa compreensão aprofundada a respeito da significação do luto, devemos primeiramente mantê-lo como parte de uma concepção dos fenômenos humanos, com a finalidade de investigar tais fenômenos, temos de enxergá-los num panorama histórico e cultural. Dessa maneira iremos recuperar estes fenômenos para que não se perca a essência deles. A ideia de “horizonte” nessa perspectiva torna-se um elemento fundamental para a configuração do sentido, pois, o horizonte possui um fator continuado ao perceber os fenômenos, que deixa de lado um entendimento determinista, fazendo dele um fator que será constituído a partir da subjetividade retratada. (FREITAS, 2013)

Nos estudos sobre fenômenos humanos podemos traçar as principais ideias do pensamento heideggeriano a respeito das experiências humanas. Em *Seminários de Zollikon*, Heidegger (1987/2009) expõe novas possibilidades para compreender tais fenômenos como também esclarecimentos presentes em seu livro *Ser e tempo* (1927/1988, 1927/1989), sendo um deles o ser humano como ser-aí (Dasein), fazendo uso do método fenomenológico de Husserl e perpassando à luz do método da fenomenologia hermenêutica (apud Cardinelli, 2015, pág 249). Heidegger visa o ato de morrer como uma possibilidade do ser-aí (Dasein), algo que faz parte da existência e que terá de ser consumada por cada ser humano, trazendo à tona a ideia do ser como insubstituível. A fuga perante a própria possibilidade de morrer faz o homem fugir não apenas da morte, como também do próprio Dasein. (CARDINELLI, 2015).

Os primeiros ritos humanos aconteciam para que se pudesse reconstruir a ordem que foi conturbada pela causalidade da morte e do morrer. Percebe-se que independente do contexto cultural ainda acontecem esses ritos, mesmo que de forma diferente, estes acontecem com a finalidade de libertar-se da vivência do luto. Na segunda fase da Idade Média, por volta dos séculos XI e XII na cultura ocidental, a morte é vista como processo natural — isso acontece pois, era sabido a decadência sobre as doenças existentes e as presentes ciências médicas, e então, apenas esperar pela morte era algo inevitável e coexistente com a aceitação pela familiaridade com a morte, sem conotação dramática. No século XVIII essa atitude acerca da morte muda e se volta para o medo de perder o outro, tornando a família como o agente que mais sofre nesse processo. Já por volta do século XIX, a morte torna-se tabu, um fenômeno que transita para um novo horizonte, caracterizado por uma conotação dramática que é representada por um momento em que os parentes e/ou entes queridos negam autonomia àquele enfermo que está a morrer, ao protegê-lo de ter conhecimento da gravidade de seu próprio estado de saúde. Por fim, no século XX pode-se perceber grandes avanços na medicina que possibilita o ser de ter conhecimento de sua própria morte, recuperando sua autonomia sobre ela, sendo característico do prolongamento da vida como em casos de estado vegetativo. (ARIÈS, 2003)

O luto é um fenômeno que todo ser humano está sujeito a passar durante toda a vida. Sendo caracterizado por óbito, rompimento de relação e até sobre afastamento, são diversos os tipos de lutos que podem ocorrer. Segundo a fenomenologia, o luto é caracterizado como a perda do “tu” no mundo do “eu”, buscando uma reconfiguração no campo de coexistência, e não como maneira de substituição.

2 TIPOS DE LUTO

A priori, destacamos o luto como uma experiência particular inominável. Embora haja investimento sagaz do ser humano em lidar com os processos psicológicos da perda, e por vezes se pôr empaticamente diante da situação, nosso construto ôntico inviabiliza o entendimento concreto da dimensão da morte que cada um tende a experimentar. Porém, com a finalidade de ilustrar os lutos hegemônicos - denominados em nossa sociedade, partimos para a alocação destes logo a seguir, os descrevendo em suas características.

2.1 LUTO POR MORTE INESPERADA

O luto por morte inesperada acontece quando o ser humano, definitivamente, não está preparado para a perda. Diferentes dos casos em que uma doença está anunciando o fim da vida de um ente querido, a morte inesperada causa uma intensa dor decorrente da surpresa e a não preparação. Nessas situações é comum aparecer sentimentos intensificadores do luto, como: culpa por não ter tido a oportunidade de se despedir, agradecer, perdoar e ser perdoado, sentimentos que podem acarretar até mesmo em luto patológico. Parkes (1998), em um estudo realizado em Harvard, demonstrou que as pessoas que sofreram uma perda inesperada tiveram um sentimento de luto mais acentuado do que as que já haviam tido tal preparação.

2.2 LUTO POR MORTE ESPERADA

Nos casos em que a morte já é algo esperado existe um impacto reduzido em relação ao da morte inesperada. O período de “anunciamiento” da morte tem um efeito de preparação, é nesse período que são compartilhados suas dificuldades e seus medos. Os sentimentos não compartilhados que costumam ocorrer no luto por morte inesperada, como: despedida, agradecimentos, pedidos de perdão, são mais possíveis no luto por morte esperada, porém, ainda sendo bem visíveis.

Worden, (1998) cita que o luto antecipatório não aparece como um substituto para o luto pós-morte, já que após o óbito é necessário que ocorra a aceitação por parte dos familiares e amigos para que depois possam viver a vida com mais normalidade.

2.3 LUTO NÃO AUTORIZADO

No luto não autorizado, a tranquilidade e aceitação é algo inexistente. As pessoas que passam por esse tipo de luto sofrem com a dificuldade de comunicação devido a questões sociais. Por terem dificuldade de comunicar e de buscar apoio com esse

sentimento, o luto não autorizado acarreta uma grande carga emocional na pessoa de luto. É mais comum acontecer em crianças, que não compreendem toda a situação, mas também pode ocorrer em adultos que não sabem lidar com tal situação.

2.4 LUTO TIDO COMO NORMAL

Nessa categoria de luto, o enlutado passa por um processo de superação por meio de pedido de ajuda, busca de novas atividades, busca profissional, até chegar ao momento de aceitação do fim da vida do ente querido. Esta situação, embora seja menos intensa do que os outros tipos de luto, ainda é um processo doloroso e que foi devido a sua busca por soluções que foi conseguido a fácil superação.

2.5 LUTO TIDO COMO PATOLÓGICO

O luto tido como patológico é o mais complexo dos tipos de luto. Pode ocorrer devido à perda incomum de um ente, como um pai que perde seu filho ainda criança, que acarreta problemas psicológicos no ser humano por estar passando por uma situação muito intensa na qual a aceitação é mais difícil.

Uma das características do luto patológico é sua duração. Enquanto um luto “comum” tem um período relativamente regular, o luto patológico pode durar vários meses causando complicações na vida daquele ser humano, podendo desenvolver transtornos psicológicos.

2.6 A EXPERIÊNCIA DO LUTO EM ETAPAS DO SER-NO-MUNDO

Após descrição nominável dos lutos sociais, passamos para as supostas etapas descritas por Elisabeth Kubler – Ross (1969/2008), cujo ser vem a experimentar no processo da morte e do morrer, mas de antemão, salientamos que iremos inovar neste ponto, incluindo a perspectiva fenomenológica - existencial para destrinchar a denominação de “etapas” que traz consigo irreduzibilidade ao Dasein, transcendendo aos processos subjetivos que o luto ocasiona em nosso ser existencial. Ainda, reafirmamos as diferenças nos modos ontológicos do Dasein, onde estes conseguem experimentar o luto e a sua própria condição de ser finito de maneiras diferentes.

Segundo Macedo e Oliveira (2011), ao tomar os estudos de Ross, há a ocorrência da aparição da negação (primeira etapa) no enlutado, onde este se coloca em posições resistentes quanto a morte do ente querido, desacreditando de sua perda. A negação surge pelo ver de que seus recursos instrumentais (condição de vida, formas de viver) estão

encontrando a crise em meio as possibilidades mundanas. O projeto nos pertence da mesma forma que pertencemos inteiramente a ele (FEIJOO, 2000), e nisto estamos sujeitos a qualquer mudança abrupta que venha modificar nossa perspectiva existencial, nos levando a negá-lo, a não acreditar que aconteceu, resistindo a angústia formada, pela dissipação de nossa fantasia criada, fruto das posturas naturais nomeadas por Husserl (2012), vendo um universo através de lentes falseadas ideologicamente, que mantém nossa subjetividade privatizada, nossa “singularidade”, mas que na verdade nós temos é a própria verdade, e da mentira não queremos sair.

Após a negação vem a raiva, esta raiva tem o objetivo de culpabilizar a si mesmo como também o outro que foi perdido, ela continua o processo de manutenção resistivo no qual impede o indivíduo de olhar para si mesmo como fator primário ao luto. A raiva dirigida para o outro está considerando os cuidados que este não manteve em vida, para se preservar mais neste mundo e continuar mantendo o pedaço existencial que aquele que partiu habita no indivíduo, lhe trazendo confirmação de quem ele é, lhe identificando, lhe fazendo existir (MACEDO; OLIVEIRA, 2011). A raiva posta a si mesmo traz a visão de que nós deveríamos ter aproveitado mais momentos com o que se foi, ter reforçado a nossa base vivencial e alimentado aquele que nos habita, além de agora encarar o mundo de uma maneira diferente, uma maneira na qual estamos expostos a tudo e que possamos nos perder a qualquer momento de vida, nisto se é necessário alguma figura para reter a culpa, nossas representações mentais geram a ideia do significado que foi instituído pelo social, como muitas vezes a figura do diabo ou questões governamentais.

Na terceira etapa nós teremos esse momento depressivo, houve reconhecimento que seu ente querido se foi e que nada poderá ser feito, apenas aceitar. A angústia, o medo, o sofrimento existem e estão presentes nesse Dasein, agora por ter tido contato direto com a finitude ele vê que nem ele poderá escapar, e assim passa a viver pelo menos neste momento com reflexões de sua atualidade, atualidade firmada pelo entendimento de seu existir, de cuidado (sorge) como ocupação substitutiva no qual o impediu de ser seu ser (FREITAS; MICHEL, 2014), o Dasein está enfrentando sua impropriedade neste momento, que o leva para pensamentos tanto de si quanto dos demais que ainda se fazem próximos, e a si em silêncio pergunta: “quando será o meu fim? quando será o fim dos outros? Que sentido tem nesse existir?” As perguntas estão sempre sendo dirigidas para o nada, e o nada de fato parece ser o fim, assim chega à conclusão; nada pode-se retirar do nada.

A quarta etapa, aceitação, traz inovações para a visão anterior do Dasein colocadas aqui anteriormente. Nela se é demonstrado verdadeiramente que por mais que um pedaço seu pare de existir, outros demais ainda existem. O ser-aí passa a viver possibilidades nas quais ele não enxergara, e passa a tê-las não como solução para sua dor, não como substituição, mas como esperança de vida própria e vida de seu pedaço que lhe foi arrancado. A angústia sofre remissão, os projetos que eram tidos como obstáculos e nomeados como esquecimento de seu familiar agora são tidos com paixão, e assim percebemos, que do nada se tira algo, este algo é a criação, é o adaptar-se, é o ser livre, o nada é a vida. Pelas responsabilidades agora perdidas do que se foi, entrando em um mundo no qual não se é necessário ser algo, o que está vivo precisa deste momento inoportuno, para afirmar seu viver, para agir, e para ser. Com isso nasce a experiência, e também nasce a esperança de um reencontro do enlutado com o falecido, promessas agora são realizadas, e a figura de Deus muitas vezes está presente como reforçador da vida, e assim se entra em um conformismo misturado com inconformismo, sempre ressuscitando o outro em suas lembranças e sempre sendo o outro até seu fim (MACEDO; OLIVEIRA, 2011).

A morte é uma e é várias, nós como presentes no mundo, e detentores de nosso próprio mundo experienciamos este fenômeno natural de maneira antinatural, e o que é antinatural de maneira natural, isso nos leva a contradições mas que ao mesmo tempo nos leva ao imaginário humano, que é puramente sentimental.

2.7 POSSIBILIDADES E LIMITES NA ESCUTA DO LUTO NA CLÍNICA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Para tal, o que é existência? De que forma ela se relaciona com a realidade? Segundo Sá e Barreto (2011, p.390) a forma mais concreta de se existir no mundo não seria a realidade-em-si, ou seja, a realidade dada, o mais concreto seria a experiência enquanto dinâmica constitutiva de sujeito e objeto, a relação entre o fenômeno e a elaboração de pensamento. O existir do homem na perspectiva fenomenológico-existencial caracterizam-se então pelas diferentes possibilidades, a capacidade de escolha frente essas possibilidades resultando no seu ser-no-mundo.

Sendo assim, para Heidegger, a obtenção do seu ser próprio viria por meio da angústia, por meio dela ele seria capaz de afastar-se do seu ser impróprio perante a duplicidade de ente e ser “Na duplicidade ‘ente e ser’, ser-aí pode esquecer-se do ser e tornar-se como ente. Perdido no ente, escolhe o modo como o impessoal determina que

deva escolher” (FEIJOO, 2010, p. 121) escolhendo assim a forma com a qual se relaciona com os diferentes tipos de ente que lhe são apresentados. Outro aspecto do qual merece ser destacado é o conceito de tempo, diferentemente do tempo compreendido de forma objetiva, a temporalidade existencial se dá por meio do ser-no-mundo “Assim como existência é ser-no-mundo e não algo dentro do mundo, a temporalidade existencial jamais significa ser dentro do tempo” (SÁ; BARRETO, 2011, p. 391), ou seja, algo dado, para tanto a temporalidade existencial só é possível após a construção ontológica do existencial, sendo um modo de ser-em quanto a existência em ser-no-mundo.

De acordo com Sá e Barreto (2011), às práticas clínicas portanto acontecem em três aspectos, o primeiro caracterizado pela não redução do humano ao cientificismo objetivante do sofrimento existencial (social, psicológico ou orgânico), o segundo a suspensão da postura técnico e voluntarista (imposição do terapeuta quanto as suas referências técnico-conceituais acerca da existência) e por último o exercício da atenção e cuidado livre (limites e possibilidades do outro a partir da lembrança de si como existência), dessa forma por meio da hermenêutica é possível a tematização dos fenômenos psicológicos.

Quando abordamos o luto nos estudo clínicos, é importante observar o abandono que devemos fazer do reducionismo do Humano em dimensões orgânicas, sociais ou psicológicas, e da objetividade com que a ciência trata o sofrimento.

E então podemos entender que o luto está como: a falta de êxito que o indivíduo enlutado teve em criar significado na relação de ser-com o morto, a falha na substituição da pre-sença, ou a completa falta de entendimento do eu como ser-no-mundo, o que leva a uma compreensão conturbada de ser-para-o-fim. Trazendo então a necessidade de trabalhar com a ressignificação dessas relações de não co-corporeidade após a perda ou afastamento. Levando em conta que a existência do ser humano é tão válida quanto o significado que ele dá a sua própria existência.

O ponto desta análise não é encontrar um método de eliminação do sofrimento, e sim ressignificar a relação partindo do eu, o eu que já foi, mas que não é mais, e que por não ser mais, precisa ser, para dizer que é e confirmar sua atualidade. Nesse momento que a voz da consciência toma papel fundamental, sendo tomada como um dos manejos clínicos para tal façanha da significação.

O desafio clínico nesse caso é fazer o manejo da alteridade, entendendo a necessidade de controlar sua realidade e perceber a condição do outro nesse movimento de transformação que passa. O psicólogo deve levar em consideração a própria Atitude,

fugindo da Atitude Natural que possuímos, e adotando uma redução fenomenológica de si, que diz da redução/ suspensão de juízo que o terapeuta deve tomar para superar o em-si da realidade, e não trazer para terapia fatores que não digam do paciente, para auxiliar o Ser que é atendido no lidar com seus processos de relação com o Luto. Apontando por fim, a dificuldade que é assumir essa Atitude Fenomenológica, pois no fim Somos, temos nossas relações com a realidade, pensamos e influenciemos a mesma, nos levando ao limite dessa prática, nos apontando ao dever de observar quando estamos ou não aptos para o acompanhamento terapêutico de toda sorte de casos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados na perspectiva fenomenológica-existencial, pode-se concluir que o luto é uma forma de ressignificação de um ente perdido, onde cada indivíduo possui sua própria experiência intrínseca. Outrossim, além do luto caracterizado por morte, também há outras vertentes do luto, como o rompimento de relacionamento, mudança repentina da relação eu-tu, e situações que tem significados culturais e familiares, onde seriam formas pouco conhecidas pela sua relação com o luto entre as pessoas em geral. Pode-se verificar uma inconstância em relação a evolução do indivíduo que está atravessando o processo do luto, no qual o processo poderá passar por regressões e avanços, necessitando assim de uma adaptação em virtude das novas formas de surgimento do ente na vivência do indivíduo.

Por ser considerado um tabu, a morte é vista com temor, e, para além do seu curto espaço de vida, há alguns conceitos com relação a vida pós-morte que trazem à tona um conforto a vida do indivíduo. A certeza de existência, baseada na consciência faz-se acreditar em uma demanda socialmente aceita e os impulsos de vida buscam procurar um conforto nessa pós-vida. Todos os indivíduos seguem a sua razão baseada em religiões e crenças que nossa verdade tenta negar. O corpo e a moral tornam seres únicos e uma maneira confortável do indivíduo renunciar a tudo isso é a certeza de vida pós-morte, pois há um medo do não-existir. Sabe-se que o corpo é significativamente frágil, então, o intelecto se disfarça para buscar uma possível verdade ou convenção socialmente aceita para renunciar à vida, nos parâmetros mais usuais da sociedade. Precisa-se de um caráter eterno para “aliviar” a existência, imergindo em um mundo socialmente idealizado para cada demanda social, onde são projetadas abstrações para o mundo, onde deve-se lutar pela existência por meio de busca de convenções estabelecidas socialmente, buscando assim uma verdade mais confortável e uma segurança maior de vida, pois o indivíduo tem

uma tendência a negar esse tipo de verdade devido à sua consequência hostil, então, entre essa dualidade entre um mundo caótico e sombrio e o mundo melhor, a saída é uma criação de um além mundo que busca o consolo. Logo, no luto todas essas questões em meio a essas saídas vem à tona, fazendo com que o indivíduo busque uma forma de amenização social em detrimento da morte do ente.

Conclusivamente para essas questões mencionadas, há alguns tipos de luto elencados como: luto por morte inesperada, luto por morte esperada, luto não autorizado, luto tido como normal e o luto tido como patológico. Entre eles, deve-se haver etapas, onde se pode dividir em: negação, raiva, momento depressivo e aceitação. Na prática clínica, há três aspectos, o caracterizado pela não redução do humano ao cientificismo objetivante do sofrimento existencial (social, psicológico ou orgânico), a suspensão da postura técnico e voluntarista (imposição do terapeuta quanto as suas referências técnico-conceituais acerca da existência) e o exercício da atenção e cuidado livre (limites e possibilidades do outro a partir da lembrança de si como existência). E, por intermédio da hermenêutica, é praticável a tematização desses fenômenos psicológicos. A atitude que o psicólogo deve fazer deferência é uma redução fenomenológica em si da realidade, assistindo assim o paciente e o ajudando a lidar com esses processos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fernanda Paulo. O existir do Homem. Revista Eletrônica Print by FUNREI <<http://www.funrei.br/revistas/filosofia>> Μετανόια, São João del-Rei, n. 1, p. 71-74, jul. 1998/1999.

ARIÈS, Philippe. (2012). História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Tradução de: Essais sur l'histoire de la mort en Occident du Moyen-Age à nos jours. ISBN 978.85.209.3095-3.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 249-258, ago. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200249&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420135013>.

ELIAS, Nobert (2001). A solidão dos moribundos seguido de envelhecer e Morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

FEIJOO, A. M. L. C. A escuta e a fala em psicoterapia: uma proposta fenomenológico-existencial. **São Paulo: Vektor**, 2000.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto e fenomenologia: uma proposta compreensiva. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 19, n. 1, p. 97-105, jul. 2013.

FREITAS, Joanneliese Lucas de; MICHEL, Luís Henrique Fuck. The biggest pain in the world: the mother's mourning from a phenomenological perspective. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 273-283, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000200010&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-737222324010>

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 50-57, jan. 2018.

GIACOMIN, Karla Cristina; SANTOS, Wagner Jorge dos; FIRMO, Josélia Oliveira Araújo. O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s.l.], v. 18, n. 9, p.2487-2496, set. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232013000900002>.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo, parte 1. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 2005. p. 324. (Coleção Pensamento Humano). ISBN 85.326.0947-3

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo, parte 2. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 13ª Edição. Petrópolis: ED. Vozes Ltda, 2005. p. 17-50. (Coleção Pensamentos Humanos). ISBN 85.326.0225-8.

HEIDEGGER, Martin., & Boss, M. (Org.) (2009). Seminários de Zollikon. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Universitária São Francisco. (Trabalho original publicado em 1987).

HUSSERL, Edmund. **La idea de la fenomenología**. Herder Editorial, 2012

MACEDO, Ana Calila Almeida de; OLIVEIRA, Camila Miranda Gonçalves de. **Luto: Compreendendo os desafios da finitude humana**. 2011. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade Potiguar, Natal, 2011.

MARTINS, Francisco. O que é phatos?. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 62-80, Dec. 1999.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth D. **Desenvolvimento humano**. Artmed Editora, 2013.

PARKES, Colin Murray. **Luto: Estudos sobre a perda na vida adulta**. 3. Ed. Sao Paulo: Summus Editorial, 1998.

ROSS, Elisabeth Kubler -. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2008.

SANTOS, Elionésia Marta dos; SALES, Catarina Aparecida. Familiares enlutados: compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. **Famílias de luto: comprensión fenomenológica existencial de sus vivencias. Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 20, n. spe, p. 214-222, 2011. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072011000500027&lng=pt&nrm=iso>. Access on 27 May 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072011000500027>.

SÁ, Roberto Novaes de. A analítica fenomenológica da existência e a psicoterapia. **Tédio e Finitude: da Filosofia A Psicologia**, Brasil, p.177-199, ago. 2010.

SA, Roberto Novaes de; BARRETO, Carmem Lúcia Brito Tavares. A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas. **Estud. psicol.** (Campinas), Campinas, v. 28, n. 3, p. 389-394, set. 2011.

WORDEN, W. J. (1998). **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental** (2ª Ed.). Porto Alegre: Artmed.